



miguilim

revista eletrônica do netll

volume 10, número 1, jan.-abr. 2021

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO SOCIAL VEICULADAS NAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO



GENDER REPRESENTATIONS CONVEYED IN THE ILLUSTRATIONS OF THE HIGH SCHOOL PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOK

Amanda Cavalcante de Oliveira LÊDO
Universidade de Pernambuco, Brasil

Paulo Rafael Alves SILVA
Universidade de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 13/08/2020 • APROVADO EM 22/02/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i1.2813>

Resumo

Este trabalho analisa as representações de gênero social veiculadas nas ilustrações do tipo fotografia do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP) dos autores William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien Codenhoto (2016), volume 1. Para a análise do *corpus*, foi considerada a teoria de leitura de imagens denominada Gramática do Design Visual (GDV) proposta por Kress e van Leeuwen (2006), utilizando-se o critério do valor da informação exposta na imagem, pelo qual observamos se a colocação da representação do homem ou da mulher no espaço que ocupa a ilustração tende a valorizar ou

desvalorizar os seus papéis sociais. Deste modo, o estudo buscou investigar se o LDLP reforça visões estereotipadas, principalmente em relação à figura feminina. Os resultados sugerem que, por um lado, ainda existe a predominância da representação da figura do homem nas ilustrações do livro didático, no entanto, por outro lado, a figura feminina já é representada em espaços antes associados ao masculino.

Abstract

This paper analyzes gender representations conveyed in photographs illustrating the Portuguese language textbook by the authors William Cereja, Carolina Dias Vianna and Christiane Damien Codenhoto (2016), vol. 1. In order to analyzing the corpus, we employed the theory for image reading named as the Visual Design Grammar, proposed by Kress and van Leeuwen (2006), using the criterion of the value of the information exposed in the image, that is, observing whether the placement of the representation of man or woman in the space the illustration occupies tends to value or devalue its social roles. Thus, the study sought to investigate whether the Portuguese language textbook reinforces stereotyped views, especially in relation to the female figure. The results suggest that, on the one hand, there is still a predominance of the representation of the figure of man in the textbook illustrations, however, on the other hand, the female figure is already represented in spaces previously associated with man.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Gênero social. Análise de fotografia. Gramática do Design Visual. Livro didático de Língua Portuguesa.

Keywords: Gender. Photography analysis. Grammar of Visual Design. Portuguese language textbook.

Texto integral

Introdução¹

Atualmente, o que se tem presenciado na sociedade em que vivemos é uma onda de desigualdades, estas advindas de fatores relacionados a um longo processo histórico-social. É importante frisar que essa problemática não é contemporânea, mas que traça um caminho desde os tempos remotos. Sobre desigualdade, um aspecto que merece reflexões é a representação de gênero e, mais especificamente, os espaços e papéis sociais direcionados para homens e para mulheres. Nota-se, em diversos âmbitos sociais, que as mulheres são marginalizadas, devido a uma visão estereotipada que a sociedade patriarcal disseminou e que perdura, em alguns âmbitos, até a contemporaneidade.

Sabe-se que dentre os papéis da escola está preparar as pessoas para a vida na sociedade, tornando-as cidadãs e agentes no combate a qualquer tipo de preconceito e desigualdade. No ambiente escolar, o livro didático (LD) mostra-se como um protagonista do processo de ensino, ao mesmo tempo em que, por ser um veiculador de discursos, se constitui como uma ferramenta para a construção de identidades nesse contexto. Dessa forma, torna-se relevante investigar quais

representações sociais têm ganhado espaço nesse suporte e se essas representações podem colaborar para a circulação de discursos mais igualitários, em especial no que se refere aos gêneros.

Considerando que as representações dos diversos grupos sociais são construídas através da linguagem, nesta pesquisa elegemos a linguagem visual, especificamente as ilustrações, como instrumento de (re)significação da realidade. As ilustrações veiculadas no LD são importantes porque se constituem como formas “de representação e interpretação do mundo e são capazes de exteriorizar concepções, ideias e valores preconizados por pessoas que contribuem para a produção e transmissão de cultura e ideologias” (SOUZA, 2014, p. 85). Dessa forma, pode-se afirmar que há uma estreita relação entre o fenômeno da representação social e o LD, pois este último é visto tradicionalmente como (re)produtor de discursos legitimados socialmente.

A presente proposta tem como objetivo analisar as representações de gênero (masculino e feminino)² veiculadas através das ilustrações do tipo fotografia presentes em um Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), destinado ao Ensino Médio. E, diante disso, refletir sobre as possíveis implicações dessas representações para a constituição das identidades dos estudantes no LD analisado.

A análise das ilustrações selecionadas foi realizada com base nos pressupostos teóricos da Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (2006). Nessa teoria, é possível vislumbrar o texto visual a partir de três metafunções, são elas: representacional, interacional e composicional. Estas são baseadas nas ideias propostas por Halliday (2004), que na sua Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) apresentam outras nomeações: ideacional, interpessoal e textual, respectivamente. A escolha da teoria em questão ocorreu por essa perspectiva apresentar uma proposta para a leitura dos textos visuais.

A fim de atingir os objetivos anteriormente elencados, o presente trabalho foi organizado da seguinte maneira: além desta seção introdutória, abordamos, nas seções subsequentes, os conceitos de representação social, de identidade, de gênero, bem como discutimos o papel do LDLP na construção das identidades. Em seguida, explicitamos as principais categorias propostas pela GDV e o conceito de ilustração adotado neste estudo. A seguir, apresentamos os aspectos metodológicos que guiaram a escolha do *corpus* e as análises. Estas, por sua vez, foram apresentadas na seção seguinte, juntamente com os resultados sobre representação de gênero social nas fotografias. Por fim, concluímos com as considerações finais.

1 Representação social

O termo *representação*, segundo o dicionário online Michaelis, apresenta, entre as suas acepções, a de “imagem ou ideia que traduz nossa concepção de alguma coisa ou do mundo”. Partindo dessa compreensão e respaldados pela literatura especializada, podemos afirmar que a representação social diz respeito aos significados que são construídos por determinada sociedade ou grupo social que compõem o que (re)conhecemos como cultura. Esses significados ou modelos de representação têm nas práticas de linguagem sua forma privilegiada de

constituição e estão sempre propícios a mudanças, sendo entidades maleáveis (MOSCOVICI, 2003; WOODWARD, 2012).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que os conhecimentos e as ideologias apreendidas por uma cultura se refletem diretamente na construção dos modelos de representação presentes nela. Quanto mais recorrente a circulação ou quanto maior o *status* de uma determinada representação de um grupo social, mais “natural” e mais forte será o impacto dos significados desse modelo e é justamente esse processo que contribui para sedimentar as representações, as quais influenciam significativamente para a constituição das identidades dos grupos sociais, incluindo dentre elas a identidade de gênero.

Como exemplo, podemos citar as mulheres, que durante muitos anos sofreram com o preconceito e a discriminação, devido às ideologias estabelecidas pelo modelo de representação patriarcal. Atualmente, mesmo com todos os direitos que foram conquistados no decorrer da história, a figura feminina ainda sofre com esse tipo de marginalização, tendo suas representações construídas, muitas vezes, através de estereótipos, que dizem respeito aos possíveis papéis sociais que devem desempenhar segundo a tradição social, os quais, por exemplo, frequentemente associam o feminino aos espaços do âmbito privado e às atividades domésticas, de cuidado e de maternidade (CAIXETA; BARBATO, 2004).

Considerando que os conceitos de identidade e gênero são centrais para este trabalho, na sequência discutimos essas noções, explicitando a concepção assumida em nosso estudo.

2 Identidades sociais e gênero

Um tema importante que vem gerando discussões na sociedade hoje em dia é a construção das identidades dos sujeitos, suscitando diferentes posicionamentos teóricos. Neste trabalho, partimos da premissa de que se trata de um artefato essencialmente plural, visto que “as identidades são fluidas, [...] elas não são essências fixas, [...] não estão presas a diferenças que seriam permanentes e valeriam para todas as épocas” (WOODWARD, 2012, p. 36). Dito isto, infere-se que uma identidade se constrói de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural no qual o sujeito está inserido.

A identidade está inter-relacionada com ideologia, conforme afirma Althusser (1971, p. 146 *apud* WOODWARD, 2012, p. 61): “a ideologia [...] ‘recruta’ sujeitos”, assim, estes constroem suas identidades tendo como base os modelos de organização e a hierarquia social. Em suma, a identidade atribui posições de sujeito que são reconhecidas por meio de um sistema de representação. Sendo assim, como explica Woodward (2012, p. 61), “ocupar uma posição-de-sujeito determinada como, por exemplo, a de cidadão patriótico, não é uma questão simplesmente de escolha pessoal consciente; somos, na verdade, recrutados para aquela posição”.

Em vista disso, percebe-se que as identidades também estão inter-relacionadas com as representações sociais e se constituem como estruturas dinâmicas e não fixas e imutáveis. Nessa perspectiva, as identidades se constroem com base nesses dois pilares principais: ideologia e representação social, considerados a partir das práticas de linguagem. A partir do exposto, conclui-se,

concordando com as ideias de Hall (2005, p. 111-112), que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”, que elas não são entidades prontas e acabadas, mas sim entidades que estão em constante (re)construção.

É válido ressaltar que dentre as diferentes posições identitárias que os sujeitos são “convidados” a ocupar nas interações em que se engajam estão aquelas relacionadas ao gênero. Esse conceito tem sido o motivo de muitas polêmicas atualmente, devido às convenções sociais que ainda se mostram resistentes, mesmo depois de tantos avanços históricos e direitos conquistados pelas mulheres³. Nesse sentido, nota-se que em uma perspectiva essencialista, o gênero quase sempre remete às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres, ou seja, de acordo com essa visão de caráter patriarcal a mulher não pode exercer papéis que são “destinados” ao homem, pois isso foge do “normal” e vice-versa.

Segundo as ideologias tradicionais, o conceito de gênero na perspectiva essencialista acaba por se tornar um (re)produtor das desigualdades, a partir do momento em “que as mulheres estão associadas com a natureza e não com a cultura, com o ‘coração’ e as emoções e não com a cabeça e a racionalidade” (HALL, 1997 *apud* SILVA, 2012, p. 52), deste modo, reforçando a ideia de que os papéis sociais são pré-determinados a partir do sexo da criança. Em outras palavras, as mulheres não poderiam exercer tarefas que estão intrinsecamente relacionadas ao mundo sócio-político, pois segundo essa visão estereotipada estas são atividades para o gênero masculino.

Em contrapartida, para a perspectiva não essencialista, com a qual estamos alinhados, gênero está para além das diferenças biológicas, de modo que o sexo não é capaz de definir as capacidades “laborais” em determinado espaço, seja ele político ou doméstico, por exemplo. O gênero, no sentido que estamos defendendo, se constitui como:

Uma “chave de leitura” imprescindível para o desvelamento das relações desiguais entre os sexos, mostrando como os sujeitos sociais estão sendo constituídos cotidianamente por um conjunto de significados impregnados de símbolos culturais e conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas, que atribuem a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo; e essas diferenças atravessadas e constituídas por relações de poder conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante. (MACÊDO, 2007, p. 147-148).

Assim, diante de concepções marcadas por ideologias do patriarcalismo é que os movimentos feministas se destacam, quando lutam por igualdade de gênero e, a partir disso, buscam demonstrar que o gênero é construído e imposto pelas práticas discursivas e sociais que o constituem (BUTLER, 2003).

Considerando que no ambiente escolar o material didático utilizado cotidianamente por docentes e discentes nas escolas brasileiras apresenta papel privilegiado como disseminador dos discursos que permeiam as práticas discursivas ali vivenciadas, na sequência será feita uma abordagem sobre o papel exercido pelo LDLP nas salas de aula e como este pode ser considerado um veículo

importante para a construção das representações sociais que influenciam na construção das identidades dos estudantes, em especial, a de gênero, a partir do recorte realizado neste estudo, que enfatiza o papel das ilustrações.

3 Livro Didático de Língua Portuguesa e suas ilustrações

Os livros didáticos de língua portuguesa (como os de outras disciplinas) são materiais que servem de subsídio para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Em vista disso, Lêdo (2017, p. 105), com base em Choppin (2004), destaca “o papel preponderante do LD como instrumento privilegiado de construção de identidades, [...] como símbolo da soberania nacional, que assume um papel político importante”. Nessa perspectiva, o LD é considerado um veículo de amostra e de (re)produção das representações sociais, sendo assim considerado um valioso instrumento de poder.

No contexto brasileiro, o LD passou por significativas mudanças ao longo do tempo, que incluem desde questões conceituais e pedagógicas, até aspectos de diagramação, impressão e ilustração. Desde meados da década de 1980, o LD utilizado nas escolas da rede pública deve passar por um processo de seleção, aprovação e distribuição, organizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁴. Este Programa visa a garantir que o material que será utilizado por uma gama de alunos não irá desrespeitar os Direitos Humanos nem disseminar nenhum tipo de preconceito, “estereótipos de condição social, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, [...]” (BRASIL, 2014, p. 9), entre outros critérios. Apesar dessas diretrizes, é importante não esquecer que o LD é considerado um bem material cultural, de forma que ele funciona como um espelho da sociedade, caracterizada pela desigualdade em todos os aspectos.

Conforme explica Lêdo (2017, p. 126), os principais critérios para que um livro seja aprovado são que “[...] esteja isento de erros conceituais graves; [...] abstenha-se de preconceitos e, mais do que isso, seja capaz de combater a discriminação sempre que oportuno” e “[...] seja responsável e eficaz, do ponto de vista das opções teóricas e metodológicas que faz”.

Ao considerar-se isto, é notório que o LD, neste caso o LDLP, apresenta uma grande dimensão ideológica de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserido. Sabe-se que essas ideologias são figuradas em forma de discurso, ou seja, linguagem, que pode ser verbal ou não verbal. Em vista disso, observa-se que um dos meios mais “viáveis” e/ou “facilitadores” dessas representações ideológicas são as ilustrações, as imagens encontradas nesse material didático.

Como afirma Monnerat (2013, p. 411), considerar a imagem enquanto discurso significa “atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico (considerando as formações sociais em que se inserem o sujeito autor e o sujeito receptor do texto não verbal), [...]”. Complementando essa ideia, Lêdo (2017, p. 150) afirma que “[...] a imagem, como signo que representa a realidade, não o faz de maneira neutra, mas está impregnada de sentidos, valores e pontos de vista ideológicos, relacionados ao contexto sócio-histórico em que está inserida.”

Tomando como exemplo o nosso objeto de estudo, segundo Moita Lopes (2002), os LD ainda acabam por (re)produzir modelos hegemônicos e estereótipos

sobre identidades de gênero social, mesmo com os critérios de seleção estabelecidos pelo PNLD. Ainda a esse respeito, pesquisas recentes sobre representação de gênero social nos livros didáticos de língua portuguesa confirmam o posicionamento de Moita Lopes (2002), ao verificar que “[...] há a predominância numérica de personagens masculinos sobre femininos e a tendência à maior associação entre o masculino e o mundo do trabalho, e entre o feminino e o mundo da família” (LÊDO, 2017, p. 158). Considerando que a pesquisa de Lêdo (2017) investigou as representações dos personagens femininos e masculinos a partir da análise dos textos da seção de leitura de dois LD de diferentes épocas, neste trabalho realizamos um recorte diferente, qual seja: os textos imagéticos, representados pelas ilustrações.

É importante destacar que existem formas de leituras para esse tipo de linguagem, ou seja, teorias que procuram investigar os aspectos relacionados a ela. Em um estudo analítico, as imagens não podem ser interpretadas de uma forma aleatória, embasadas no “achismo”, por exemplo, mas sim, deve existir um subsídio para tal compreensão. Partindo desse pressuposto, e diante da necessidade de nos apoiar em um aparato teórico para realizar a leitura de imagens/ilustrações, serão expostos no próximo tópico os conceitos básicos postulados pelos autores Kress e van Leeuwen (2006) na sua teoria da Gramática do Design Visual (GDV), teoria escolhida para subsidiar nossa análise.

4 A Gramática do Design Visual proposta por Kress e van Leeuwen

A linguagem se manifesta a partir de diferentes semioses, que mobilizam elementos verbais e não verbais. Dentre as diversas formas como se apresenta, consideramos que, em sentido amplo, a linguagem não verbal, caracterizada pelo conteúdo imagético, pode compor uma unidade textual, veiculadora de sentidos e de discursos. Compreendendo a linguagem como um sistema complexo de significados e de semioses inseridos em contextos sociais específicos que as pessoas utilizam em suas interações sociais, Halliday (2004) propõe que os processos de significação da linguagem sejam descritos através de três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual. A primeira diz respeito aos conteúdos e às funções que estes exercem em determinado recurso semiótico; a segunda está ligada ao processo de interação entre os participantes e/ou elementos do texto com o participante/leitor; e, por fim, a última, a metafunção textual, volta-se para a organização dos elementos no espaço que ocupa o texto.

Com base nesses pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de Halliday (2004), Kress e van Leeuwen desenvolveram sua GDV. Nesta teoria, as metafunções da GSF ganham novos nomes: representacional (ideacional), interacional (interpessoal) e composicional (textual). Na sequência, serão discutidas, de forma sucinta, as subcategorias que cada metafunção abrange.

4.1 Metafunção representacional

Segundo Krees e van Leeuwen (2006), a metafunção representacional está associada à presença ou à ausência de um vetor, ou seja, se na ilustração os participantes praticam alguma ação ou não. Em vista disso, eles classificam o

participante que realiza a ação (*vetor*) como *Ator* e o que recebe como *Meta*, assim gerando um *processo narrativo*. Esse processo também pode se dar através do olhar do participante (também considerado um *vetor*), este agora denominado *Reator* e o participante e/ou elemento para o qual se dirige esse olhar é chamado de *Fenômeno* (LOVATO; 2010, grifos no original). Diante disso, podemos sistematizar o processo de transitividade segundo a GDV da seguinte forma:

Quadro 1 - Processos de transitividade

Transacional	Inclui um <i>Ator</i> e uma <i>Meta</i> .
Não-transacional	Mostra somente o <i>Ator</i> .
Relacional transacional	Quando existe a possibilidade de identificar o <i>Fenômeno</i> .
Relacional não-transacional	Ausência do <i>Fenômeno</i> .

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Lovato (2010).

Nas ilustrações em que os participantes não exercem nenhuma ação, ou seja, quando o *vetor* é ausente, os processos de composição do texto visual são denominados de *conceituais*. Com base nisso, e fundamentada nas ideias de Kress e van Leeuwen (2006), Lovato afirma que os *processos conceituais* “[...] procuram representar na imagem a essência da informação. Deste modo, podem ser classificados como processos conceituais classificatórios, analíticos e simbólicos” (2010, p. 118, grifos no original). Podemos sistematizar essas subcategorias conforme o quadro 02, apresentado a seguir:

Quadro 2 - Processos conceituais

Conceitual classificatório	Diz respeito à descrição dos participantes, suas características físicas.
Conceitual analítico	Diz respeito aos <i>Atributos</i> do participante (<i>Portador</i>), ou seja, as partes do seu corpo que são contempladas na ilustração. Quando se enfatiza uma parte em específico, ocorre um processo <i>conceitual analítico desestruturado</i> .
Conceitual simbólico	Diz respeito ao que o participante significa e/ou representa no texto visual. O processo simbólico é atributivo quando algum <i>Atributo</i> do participante é destacado, visto em alguma posição específica, e é sugestivo quando não existe esse destaque/detalhamento.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Lovato (2010).

4.2 Metafunção interacional

Essa metafunção diz respeito ao processo de interação existente entre os elementos que compõem o recurso semiótico e o leitor. Segundo Unsworth (2001,

p. 90 *apud* LOVATO, 2010, p. 118), na metafunção interacional “[...] os elementos visuais estabelecem a natureza da relação entre esses participantes em termos de *contato, distância social, ângulos horizontal e vertical e modalidade*” (grifos no original). Ainda com base nessa perspectiva, o *contato* pode ser denominado *demanda*, quando este exige uma interação através do olhar; entre os participantes classificados como *oferta*, não há essa relação, o participante representado é mostrado ao participante interativo como um item de contemplação (LOVATO, 2010, p. 119, grifos no original).

Considerando as subcategorias relacionadas a ângulo, Harrison (2003) considera que o horizontal define o grau de engajamento entre os participantes (imagem-leitor), classificando como frontal quando existe um maior nível de interação e como oblíquo quando isso ocorre de forma contrária. Segundo Lovato (2010, p. 119), o “[...] ângulo vertical refere-se à relação de poder instituída entre os participantes, varia entre baixa, alta e nível ocular.” Ainda baseada no trabalho realizado por Harrison (2003), Lovato (2010) sistematiza esse processo de interação definindo essas subcategorias assim:

Quadro 3 - Processos de interação definidos através do ângulo:

Ângulo alto	Ocorre quando a imagem é capturada de baixo para cima, o participante desta tem mais poder que o leitor;
Ângulo baixo	Ocorre quando a imagem é capturada de cima para baixo, o leitor é que tem mais poder, em relação aos participantes da ilustração;
Nível ocular	Ocorre quando ambos estão no mesmo nível ocular, isto é, na mesma altura, há uma relação de poder igualitário.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Lovato (2010).

Segundo Unsworth (2001, p. 98 *apud* LOVATO, 2010, p. 119), “a última subcategoria referente à metafunção interativa concerne à modalidade, relacionada aos conceitos de realismo e credibilidade”. Finalizando a explicação da metafunção aqui exposta, a autora aponta que:

uma composição visual é considerada realista o quanto mais ela se aproximar daquilo que é apreensível no mundo experienciável. A fotografia é o melhor exemplo, visto que quanto maior a equivalência entre a cena mostrada e o real, mais alta será sua modalidade. Nesse tipo de composição imagética, há uma orientação naturalista. (LOVATO, 2010, p. 119-120).

Dessa forma, pode-se corroborar com Lovato (2010), visto que dentre os vários tipos de ilustrações, por sua aproximação com a realidade material, a fotografia é o objeto que melhor atende aos propósitos desta pesquisa.

4.3 Metafunção composicional

Nessa metafunção, a leitura se dá através da disposição dos participantes na imagem, considerando o lado em que estão sendo representados, o seu tamanho, o seu foco, dentre outros aspectos que se relacionem e/ou que façam referência à importância da informação numa determinada imagem. Na perspectiva de Kress e van Leeuwen, a informação que se encontra do lado esquerdo da ilustração é denominada *dada* e a que se localiza no lado direito é classificada como *nova*. Ademais, sobre isso Lovato afirma que “no *Centro*, está o núcleo da informação e, nas *Margens*, os elementos que são subservientes” (LOVATO, 2010, p. 120, grifos no original). Por fim, temos a *Saliência*, que diz respeito ao participante mais importante da informação que é definido pelos critérios tamanho e foco.

Tendo finalizado a caracterização da GDV, na sequência, o próximo tópico abordará a imagem na fotografia, considerando que ela seja o tipo de ilustração que apresenta uma maior *modalidade*. Esta propriedade, como foi exposta anteriormente, diz respeito a uma subcategoria da metafunção interacional e foi selecionada como categoria de análise neste trabalho.

5 A fotografia como ilustração

As imagens se constituem como um instrumento de poder, visto que podem influenciar na forma de pensar do indivíduo, corroborando ou refutando a sua crença (SANTAELLA, 2012). Há diferentes tipos de imagens que veiculam sentidos, dentre eles as ilustrações, que são textos visuais carregados de significados (fios ideológicos), estes associados a valores sociais, culturais e históricos. Dessa forma, as ilustrações podem se apresentar nas seguintes formas: desenho, figura, caricatura e fotografia. Neste trabalho, vamos enfatizar a discussão sobre este último tipo: a fotografia.

Na perspectiva de Santaella (2012, p. 72), a fotografia é um “sistema de codificação que busca, por meios artificiais, reproduzir um objeto do mundo visível com fidelidade.” Dito isto, e contextualizando com o que Kress e van Leeuwen (2006) dizem sobre *modalidade* na metafunção interativa, nota-se que a fotografia apresenta um maior grau em comparação aos demais tipos de imagens, já que se aproxima mais do real. Sendo assim, por sua representação se constituir de forma semelhante ao mundo real em comparação aos outros tipos de imagens mencionados, ela pode ser considerada como um veículo de maior influência para a construção e a interpretação do que os indivíduos entendem por representação de gênero social.

Ainda Santaella (2012, p. 77), em um de seus trabalhos sobre leitura de imagens, caracteriza esse tipo de ilustração afirmando que:

[...] a foto é, antes de tudo, um traço do real, marcado por quatro princípios [...] Conexão física: o objeto fotografado, de fato, estava fisicamente diante da objetiva no momento do clique; [...] Singularidade: o instante que o clique capturou é único, singular. [...] Designação: [...] a foto designa, indica o referente, funcionando quase como um dedo que aponta para algo da realidade; [...]

Testemunho: [...] a fotografia dá testemunho de sua presença naquele dado tempo e espaço. Vem daí seu poder documental.

Diante do exposto, percebe-se que a fotografia abrange, em nossa visão, os subsídios necessários, em especial se destacando o seu caráter documental e a sua aproximação com o real, para ser utilizada como objeto de análise num estudo sobre as possíveis representações de gênero social que podem ser encontradas num LDLP do Ensino Médio. Nessa perspectiva, pode-se concordar com o que Santaella (2012, p. 81) defende, quando afirma que “quanto mais uma foto for portadora de valores simbólicos, mais carregada ela estará de significados coletivos que falam à cultura”.

Ademais, ao considerarmos a Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (2004), a fotografia é considerada um meio de comunicação que se pauta nas propriedades espaço-temporais, deste modo sendo inserida num contexto histórico e apontando para os traços culturais de uma determinada sociedade. Tendo justificado a escolha da fotografia para a realização deste estudo, a seguir apresentamos com mais detalhes os procedimentos metodológicos adotados no trabalho.

6 Metodologia

Em um primeiro momento, foi escolhida para objeto de estudo uma coleção de LDLP (PNLD 2018-2020), dos autores William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien Codenhoto (2016). Os critérios para a seleção dos livros foram os seguintes: (a) ter sido aprovado pelo PNLD; (b) ser destinado ao Ensino Médio; (c) pertencer a uma das coleções mais distribuídas e/ou pertencer a um dos autores que mais circulam nas escolas da rede pública de ensino.

Em um segundo momento, após uma sondagem nos três volumes que compõem a coleção, verificou-se a distribuição das ilustrações no decorrer das seções apresentadas, tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa. Então, valendo-se disso e com o intuito de aprofundar a análise foi definido para objeto de estudo o volume 1. Ademais, dentre as três seções encontradas neste livro foi escolhida a que se destina ao ensino de produção de texto, considerando que nesta seção é mais frequente que a ilustração venha acompanhada de um texto verbal e este também foi um dos aspectos considerados, pois compreendemos que dessa forma a ilustração estaria mais contextualizada do que se estivesse completamente isolada na página. Vale salientar, também, que este livro apresenta 12 capítulos e cada um aborda uma produção de texto diferente.

Na sequência, foi realizada uma pesquisa de caráter quantitativo na seção escolhida, para as primeiras análises, com o objetivo de verificar a frequência de aparição da figura do homem e da mulher. Em seguida, foram escolhidas dez ilustrações do tipo fotografia, estas, necessariamente associadas a alguma profissão/papel social e voltadas para algum estereótipo/preconceito de gênero construído socialmente.

Após constituído o *corpus* conforme relatado nos parágrafos anteriores, ele foi analisado com base em alguns pressupostos da teoria de leitura de imagens de Kress e van Leeuwen (2006). Das três metafunções abordadas nessa teoria, levou-

se em conta como as principais para a realização das análises a metafunção representacional, devido aos seus conceitos de transitividade e não-transitividade e a metafunção composicional, que diz respeito à organização dos elementos no espaço do texto visual, ou seja, o valor da informação. Valeu-se, ainda, da subcategoria *modalidade* da metafunção interacional para a delimitação das ilustrações analisadas. Essa escolha ocorreu devido a considerarmos que essas são as categorias que mais permitem reflexões sobre as representações ali dispostas, no caso, a representação de gênero social nessas ilustrações.

7 Análises e resultados

A análise inicial foi de cunho quantitativo, através da qual procedeu-se a uma sondagem nas doze seções de produção de texto do LDLP, com o objetivo de verificar a frequência de aparição da figura do homem e da mulher em ilustrações do tipo fotografia no decorrer das páginas. Nesse levantamento geral das ilustrações associadas à representação de gênero social, considerando todos os seus tipos⁵, foram contabilizadas um total de 45; desse número, foi quantificado um total de 33 ilustrações do tipo fotografia vinculadas aos gêneros sociais. O quadro a seguir sistematiza o que foi encontrado nessa etapa:

Quadro 4 – Frequência de aparição da figura masculina e feminina nas fotografias do LDLP

Seção/capítulo	Quantidade de ilustrações - Somente homem	Quantidade de ilustrações - Somente mulher	Quantidade de ilustrações - Ambos
Um	1	-	-
Dois	-	-	1
Três	2	1	-
Quatro	-	-	-
Cinco	1	1	-
Seis	1	3	-
Sete	-	2	1
Oito	-	1	3
Nove	1	2	1
Dez	8	1	-
Onze	-	1	-
Doze	1	-	-
Total	15	12	6

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em termos percentuais, conforme representado no quadro 4, aproximadamente 46,5% das fotografias representam somente homens, enquanto apenas 36,5% desse total representam em particular a figura feminina. O percentual restante, 18%, apresenta numa mesma ilustração a figura de ambos os gêneros. Dessa forma, percebe-se que a hipótese estipulada inicialmente neste

trabalho foi confirmada, ou seja, que o LDLP ainda é um veículo que privilegia, em termos quantitativos, a representação do gênero masculino.

Após essa sondagem inicial, foram selecionadas as fotografias que estivessem associadas a alguma profissão ou papel social, para serem analisadas com base nos pressupostos teóricos elaborados por Kress e van Leeuwen (2006) na Gramática do Design Visual, enfatizando as metafunções representacional e composicional, totalizando dez fotografias. Para fins de organização, enumeramos as fotografias de 1 a 10. Na sequência, descrevemos, comentamos e exemplificamos as ocorrências mais recorrentes do *corpus*.

Fotografia 1 (p. 31)



A fotografia 1 apresenta dois homens maquiados, atuando numa peça de teatro. O que se enquadra no primeiro plano está desfocado, enquanto o que se enquadra no segundo plano da imagem está focado. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, tendo como *Vetor* o olhar do participante do segundo plano, que é classificado como *Reator* e o homem que está no primeiro plano classificado como *Fenômeno*, pois o olhar do *Reator* se direciona para ele. Diante disso, o processo de transitividade dessa ilustração é classificado como relacional transacional, pois é possível identificar o *Fenômeno*. Em relação ao valor da informação exposta na fotografia, pode-se dizer que o *Fenômeno* é a informação dada, pois se localiza no lado esquerdo, já o *Reator* é a informação nova, pois está posicionado no lado direito da estrutura imagética.

Fotografia 2 (p. 61)



A fotografia 2 apresenta um homem e uma mulher, ambos interpretando uma cena num palco de teatro. O cenário retratado na ilustração é escuro, sendo que os participantes retratados estão nítidos e focados. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, ou seja, existe uma ação sendo praticada. Neste caso, o homem é quem pratica a ação sobre a mulher, deste modo, ele é classificado como *Ator*, enquanto a mulher é denominada de *Meta*, pois recebe a ação executada. Dessa forma, o processo de transitividade dessa imagem é denominado de transacional, pois apresenta um *Ator* e um *Meta*. Em relação ao valor da informação da ilustração, a mulher é classificada como a informação dada, pois se enquadra no lado esquerdo da fotografia, já o homem é denominado como a informação nova por se enquadrar no lado direito.

Fotografia 3 (p. 83)

Reproduzimos a seguir o texto que acompanha a ilustração acima:

Adélia Maria Nicolete Abreu é dramaturga, roteirista e professora, mestre e doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Teve vários dos seus textos montados e recebeu prêmios em concursos de dramaturgia e da crítica especializada. (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 83).

A fotografia 3 apresenta uma mulher, que ocupa praticamente todo o espaço da estrutura imagética. Ela é representada dos ombros para cima. O cenário retratado é branco, assim acaba valorizando ainda mais a figura feminina representada. O texto visual é classificado como uma estrutura conceitual, pois não apresenta nenhum *Vetor*, ou seja, nenhuma ação sendo realizada. É apenas para ser contemplada. No que diz respeito ao valor da informação trazida pela ilustração, a mulher se apresenta com grande valor, pois se levar em conta a subcategoria da metafunção composicional saliência da imagem, a figura feminina está focada, nítida e ocupa quase todo o espaço que a fotografia dispõe, dando ênfase ao seu rosto, o qual apresenta um semblante feliz.

Fotografia 4 (p. 162)

A fotografia 4 apresenta uma mulher lendo uma carta. A carta enquadra-se no primeiro plano da imagem e está desfocada. A mulher, por sua vez, enquadra-se no segundo plano e está focada e nítida. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, tendo como *Vetor* o olhar do participante (mulher/*Reator*) que se direciona para a carta, classificada como *Fenômeno*. O processo de transitividade da ilustração é classificado como relacional transacional, uma vez que é apresentado o *Fenômeno*. Em relação ao valor da informação exposta na fotografia, temos como a informação dada (lado esquerdo) a carta e a janela, em primeiro e segundo plano, respectivamente. A figura feminina é classificada como a informação nova, ou seja, se posiciona no lado direito da imagem. Dessa forma, nota-se que os elementos materiais, carta e janela, se apresentam como mais

importantes, como a informação principal do texto visual em relação à figura da mulher.

Fotografia 5 (p. 163)



A fotografia 5 apresenta um homem produzindo uma carta. A carta enquadra-se no primeiro plano e está desfocada, enquanto o homem está enquadrado no segundo plano, focado e nítido. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, em que o *Reator* direciona o seu olhar/*Vetor* para a carta/*Fenômeno*. O processo de transitividade é classificado como relacional transacional, pois é possível detectar o *Fenômeno*, deste modo, o receptor da ação realizada. Em relação ao valor da informação, tem-se como a informação dada, ou seja, os elementos que se localizam no lado esquerdo da imagem, a carta e a janela. A figura do homem é denominada como a informação nova, já que se posiciona no lado direito da fotografia. Dito isto, nota-se que o homem não é a informação principal da ilustração.

Fotografia 6 (p. 194)



Reproduzimos a seguir um recorte do texto que acompanha a fotografia acima:

[...] A internet e as novas tecnologias têm atraído cada vez mais a atenção dos jovens e, alguns deles, estão ficando famosos na rede e até conseguindo ganhar dinheiro. A história de Bruna Vieira é mais ou menos por aí! Ela resolveu criar um blog para desabafar os problemas da adolescência e o sucesso foi tanto que ele virou um livro, e a jovem, uma celebridade. (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 194).

A fotografia 6 apresenta uma mulher jovem segurando um microfone na mão esquerda e um livro na mão direita, apresentando e/ou participando de um programa de televisão. Todos os elementos representados no plano imagético estão focados e nítidos. A figura da mulher enquadra-se no primeiro plano da ilustração. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, uma vez que o olhar/*Vetor* da mulher/*Reator* se direciona para um elemento denominado *Fenômeno*. O processo de transitividade da imagem é classificado como relacional

não-transacional, pois não é possível detectar o *Fenômeno*, em outras palavras, o elemento para o qual o olhar da mulher se direciona. Em relação ao valor das informações expostas, nota-se que mulher se enquadra na parte central da fotografia, assim, o cenário é que fica sendo denominado como a informação dada e nova ao mesmo tempo. Dito isto, percebe-se a ênfase que ganha a figura feminina, levando também em consideração o espaço em que ela se encontra – a mídia.

Fotografia 7 (p. 217)



A fotografia 7 apresenta homens e mulheres. No primeiro e segundo planos, temos a imagem de dois candidatos à presidência do Brasil no ano de 2014: Aécio Neves e Dilma Rousseff, respectivamente; ambos focados e nítidos. No terceiro plano, temos a representação de uma plateia totalmente desfocada. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, tendo como *Vetor*, o olhar dos participantes. O processo de transitividade é classificado como relacional não-transacional, pois não é possível identificar o elemento/*Fenômeno* para o qual se direciona o olhar do *Reator*. Em relação ao valor das informações que a fotografia traz, a figura masculina toma a posição de informação dada e a figura feminina de informação nova, pois se enquadra no lado esquerdo e direito, respectivamente. Dessa forma, o homem acaba tornando-se uma informação mais importante em relação à figura feminina, devido a sua colocação, isto é, ser a informação que vem primeiro.

Fotografia 8 (p. 241)



Reproduzimos a seguir o texto que acompanha a fotografia 8:

Estamos vivendo uma crise intensa: a das relações humanas. Todos os dias testemunhamos ou protagonizamos, tanto na vida presencial quanto na virtual, comportamentos e atitudes que vão do ódio declarado ou sutil ao desdém em relação ao outro. As relações humanas, sempre tão complexas, exigem, no entanto, delicadeza, atenção e compromisso social. (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 241).

A fotografia 8 apresenta cinco mulheres num abraço coletivo. Todas estão focadas e nítidas e enquadradas no primeiro plano. O texto visual apresenta uma estrutura narrativa, uma vez que todas as mulheres estão praticando uma ação (abraço/*Vetor*). O processo de transitividade é classificado como transacional, pois

temos na ilustração *Atores e Metas*, neste caso, quem dá e quem recebe o abraço. Em relação ao valor da informação da imagem, nota-se que a primeira informação denominada de dada é o cenário da fotografia, que está enquadrado no segundo plano e totalmente desfocado. Em seguida, temos a representação das figuras femininas, que tomam todo o restante do espaço do plano imagético, deste modo, se sobressaindo em relação ao cenário e tornando-se a informação principal.

Fotografia 9 (p. 276)



Reproduzimos a seguir o texto que acompanha a fotografia acima: “Claudio Manoel é ator, redator e diretor de programas humorísticos” (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 276).

A fotografia 9 apresenta um homem. O texto visual se constitui a partir de uma estrutura conceitual, pois não apresenta um *Vetor*, ou seja, serve apenas para contemplação. A figura masculina enquadra-se no primeiro plano e está focada e nítida. Também temos um cenário, que se enquadra no segundo plano e está parcialmente desfocado. O homem é classificado como a informação dada da imagem, pois localiza-se no lado esquerdo, enquanto o tronco da árvore, no qual ele está encostado é classificado como a informação nova, por está enquadrado no lado direito da fotografia. Dito isto, nota-se que a figura masculina ganha uma ênfase maior, devido às circunstâncias nas quais ela está exposta.

Fotografia 10 (p. 300)



Reproduzimos a seguir o texto que acompanha a fotografia acima:

Teríamos encontrado enfim o elixir da juventude? Pesquisas publicadas recentemente na revista *Science* e no periódico *Nature Medicine* provam que estamos no caminho certo. Estudos independentes – um que injetou a proteína GDF11 em animais; outro que fez transfusão sanguínea de jovens para idosos – mostram que é possível reverter efeitos do envelhecimento em camundongos. (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 300).

A fotografia 10 apresenta uma mulher jovem, com o intuito de falar sobre assuntos científicos. A estrutura do texto visual é classificada como conceitual, pois ocorre a ausência de um *Vetor*, ou seja, não existe a transitividade. A figura feminina ocupa a parte central do plano imagético, deste modo sendo considerada

a informação mais importante; está enquadrada no primeiro plano, focada, nítida e representada dos ombros para cima, de modo que seu rosto se torna o elemento principal da imagem. Dessa forma, quem ocupa a função de informação dada e nova é o cenário branco logo atrás da figura da mulher.

7.1 Discussão

As ilustrações de número 1 e 2 apresentam pessoas interpretando cenas teatrais, em que, no primeiro caso, temos dois homens, ambos com uma característica atribuída ao gênero feminino que é a maquiagem e, no segundo caso, temos um casal, em que se representa um homem realizando uma ação sobre uma mulher. Em vista disso, verifica-se a predominância da figura do homem neste espaço artístico, ou seja, de quatro pessoas representadas, apenas uma é mulher, e está representada em uma situação passiva, como receptora de uma ação a ela direcionada.

Na ilustração 3, temos a figura feminina com a mera função de contemplação, pois a sua representação não deixa nenhuma pista sobre o papel que pode desempenhar na sociedade. Somente a partir do pequeno texto que acompanha a imagem, contextualizando-a, vemos que a mulher em questão se trata de uma professora, roteirista e dramaturga, assim, deixando claro que nos tempos atuais ela (e, por extensão da representação social, as mulheres, de modo geral) ganhou novos espaços.

As ilustrações 4 e 5 foram retiradas da seção de produção do gênero carta pessoal, em que a primeira representa uma mulher lendo e a segunda apresenta um homem escrevendo. Sabe-se que tanto o homem quanto a mulher estão compartilhando de um mesmo universo, neste caso, carta, mas o que chama a atenção é que essas representações atribuem papéis diferentes e, em uma análise qualitativa, desiguais: a figura feminina é apenas leitora e a figura masculina é ao mesmo tempo leitora e escritora. Assim, é possível supor que estão implicadas relações de poder, enfatizando uma compreensão possível que é a de que o homem pode desempenhar mais papéis sociais do que a mulher.

Nas ilustrações 6 e 7 temos as representações de gênero associadas ao campo da mídia. Na imagem 6 temos uma mulher participando ou apresentando um programa de televisão e de acordo com o texto verbal que acompanha esse texto imagético e a contextualiza, tal mulher é blogueira. Na imagem 7, temos um homem e uma mulher (candidatos à presidência da República no ano 2014 – Aécio Neves e Dilma Rousseff) participando de um debate, também num programa de televisão. Diante disso, vemos que no exemplo 6, a figura feminina é apresentada com mais destaque; já a figura feminina representada na ilustração 7 tornou-se presidente do Brasil, entre os anos de 2010 e 2016.

As ilustrações 8 e 9 apresentam cinco mulheres e um homem, respectivamente. No primeiro caso as mulheres são apresentadas todas felizes, a imagem está associada a um texto verbal que fala sobre empatia, ou seja, trata da importância de se colocar no lugar do outro, tendo em vista as crises das relações humanas existentes nos dias de hoje. Vale salientar que as mulheres representadas são negras, assim subtendendo que o autor de forma implícita enfatizou a questão racial. Na fotografia 9, o homem representado tem a função de mera contemplação

e de acordo com o texto que segue a imagem ele trabalha como ator de programas humorísticos.

Por fim, a ilustração 10 representa uma mulher jovem, que juntamente com um texto verbal realiza a divulgação de assuntos científicos. Diante disso, percebe-se que a imagem da mulher está sendo associada à juventude, deste modo remetendo a padrões de beleza. Ademais, como consequência pode ser construída uma visão estereotipada da figura feminina, subtendendo que apenas as mulheres podem ter os rostos estampados em propagandas de produtos estéticos para o prolongamento da juventude, por exemplo.

No que se refere à análise a partir dos conceitos da GDV, percebemos no *corpus* a predominância da estrutura narrativa, que é aquela em que é possível visualizar os participantes em uma ação, em comparação com a estrutura conceitual, em que há uma abordagem meramente contemplativa. Um aspecto que chamou a atenção foi que a figura feminina foi representada mais frequentemente tanto na estrutura narrativa quanto na conceitual do que a masculina. No que se refere à disposição da informação, a figura masculina aparece equilibradamente como dada ou nova, enquanto a feminina aparece mais recorrentemente como informação nova.

Considerações finais

Esta pesquisa propôs, como objetivo principal, investigar as representações de gênero social nas ilustrações do LDLP, partindo da hipótese de que os modelos hegemônicos iriam suplantar as demais representações, aqui enfatizando os gêneros masculino e feminino. A análise do *corpus* foi baseada na teoria de leitura de imagens proposta por Kress e van Leeuwen (2006), considerando categorias da metafunção interacional para delimitação do tipo de ilustração escolhida para estudo, neste caso a fotografia e, das metafunções representacional e composicional, para discutir a importância dada às representações presentes no texto visual, sejam elas da figura do homem ou da mulher.

À vista desses aspectos, e valendo-se de pesquisas já realizadas nessa mesma perspectiva, nota-se que em termos quantitativos a representação masculina continua se sobressaindo em relação à representação feminina. Ademais, qualitativamente, vale destacar que a mulher foi representada mais vezes em estrutura de caráter contemplativo do que o homem. Nesses casos, foi necessário recorrer ao texto associado à imagem, para conseguir identificar o papel social atribuído a ela naquele contexto.

Pudemos, ainda, depreender que, mesmo representada em menor quantidade, nas ilustrações do LDLP analisadas em nosso recorte, a mulher já é representada em espaços que antes só eram ocupados por homens, seja no âmbito político, seja no âmbito midiático-digital, a exemplo da fotografia 07, em que participa de um debate ao vivo num programa de televisão, e, também, na imagem 06 temos uma mulher ocupando uma profissão da atualidade que a torna pública, que é ser blogueira.

Considerando a teoria da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006) e as suas metafunções, pudemos perceber que, em algumas ilustrações, a mulher é representada como umas das informações mais

importantes do texto semiótico, principalmente nos casos em que está enquadrada no primeiro plano, centralizada e a fotografia não apresenta apenas a mera função de contemplação. Ademais, dentre todas as fotografias analisadas no *corpus* apenas uma representa mulheres negras, assim apontando para a prevalência dos modelos hegemônicos no LD.

Pudemos concluir que mesmo com todos os requisitos estabelecidos pelo PNLD que orientam para a escolha do LD, este material ainda continua, mesmo que com avanços significativos, representando modelos hegemônicos e como consequência disso pode acabar por reforçar visões estereotipadas em relação aos papéis que podem desempenhar o homem e a mulher na sociedade atual. Esses aspectos reforçam a concepção de gênero como um construto social, pois se pautam nos fatores de cunho histórico e, principalmente, dos traços culturais da sociedade, e, deste modo, assim como acontece no meio social, também os discursos “novos” e “velhos” coexistem entre si.

Considerando o papel do LDLP enquanto veículo disseminador de discursos que influenciam diretamente na construção das identidades dos indivíduos, espera-se que os estudos futuros venham complementar o recorte aqui apresentado e apontem para uma nova percepção de tratamento da representação social feminina, visando então não a proeminência das diferenças ou das desigualdades implicadas ou relativas, mas o prevalectimento da equidade entre os gêneros.

Notas

¹ Este trabalho teve seu desenvolvimento financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através de edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UPE/ 2018-2019).

² A decisão por somente esses dois gêneros ocorreu em função do silenciamento de outras configurações genéricas (não binárias), exemplificado pelo fato de que somente o masculino e o feminino são representados nos LD, conforme apontam estudos anteriores, tais como o de Lêdo (2017).

³ Apenas com a finalidade de ilustrar esta afirmação, queremos destacar um fato histórico-social que ocorreu no contexto brasileiro e que exemplifica a polêmica sobre o conceito de gênero e a (re)produção de modelos tradicionais para as mulheres: trata-se da reportagem publicada pela Revista Veja em abril de 2016, a respeito da então primeira-dama, Marcela Temer, que gerou repercussão nas redes sociais ao ressaltar suas qualidades de “bela, recatada e do lar”.

⁴ Os comentários realizados neste artigo dizem respeito às regras vigentes no PNLD até 2017. Com a publicação do decreto nº 9099 de 18 de julho de 2017 do Governo Federal, mudanças significativas foram realizadas no processo de seleção dos livros didáticos. Dentre as principais alterações estão, conforme informações do site Brasil Escola Uol: a mudança da responsabilidade da avaliação dos LD – antes feita por comissões de professores das Universidades e da Educação Básica – para profissionais indicados pelo Ministro da Educação; a possibilidade de as Secretarias de Educação selecionarem os livros, ação que era anteriormente realizada pelos docentes; e a ampliação do tempo de utilização dos livros didáticos não-consumíveis, que passou de três para quatro anos.

⁵ Fotografia e desenho foram os tipos de ilustrações que apareceram com mais frequência.

Referências

BRASIL ESCOLA UOL. *Política educacional – PNL D*. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/politicaeducacional/pnld2018principaismudancas-no-programa-livro-didatico.htm>. Acesso em: 06/08/2020.

BRASIL. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas a serem incluídas no Guia de livros didáticos para os anos finais do Ensino Fundamental – *PNLD*, 2014. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BUTLER, J. P. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silvine. Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia*. Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 211-220, ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2004000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2017.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. São Paulo: Saraiva, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. Second Edition. London/New York: Routledge, 2006.

LÊDO, A. C. de O. *Representações de gênero social no livro didático de Língua Portuguesa*. 2017. 297 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

LOVATO, Cristina dos Santos. Análise das imagens em notícias de popularização científica. *Travessias* (UNIOESTE, Online), v. 4, n. 3, p. 114-134, 2010.

MACÊDO, M. S. Gênero, família e chefia feminina: algumas questões para pensar. In: BORGES, A.; CASTRO, M. G. (Org.). *Família, gênero e gerações: desafio para as políticas sociais*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 135-177.

MICHAELIS. *Representação*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZNPxR>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MONNERAT, R. A imagem no discurso publicitário: texto verbal e não verbal podem estar em conflito? In: MENDES, E.; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (Org.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 406-425.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REVISTA VEJA. *Bela, recatada e do lar*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SANTAELLA, Lucia. Imagens na fotografia. In: SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. Cap. 2. p. 69-103.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, S. S. *O livro didático e as influências ideológicas das imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação, Sociedade e Culturas) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien; CEREJA, William Roberto. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. São Paulo: Saraiva, 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

Para citar este artigo

LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira; SILVA, Paulo Rafael Alves. Representações de gênero social veiculadas nas ilustrações do livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio. *Migulim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 1, p. 42-63, jan.-abr. 2021.

Os autores

Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo cursou Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE – *campus* Garanhuns) e Mestrado em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Concluiu o doutorado em Letras-Linguística também pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professora da Universidade de Pernambuco (UPE – *campus* Mata Norte), docente permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) nessa instituição. Desenvolve pesquisas principalmente sobre os seguintes temas: gêneros textuais, letramentos, Educação à Distância, identidades sociais, gênero social e Livro Didático de Língua Portuguesa. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7178-9796>.

Paulo Rafael Alves Silva é graduando em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE – *campus* Garanhuns). Fez Iniciação Científica na área da Linguística Aplicada (2018-2019). **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-2131-6752>.